

Bloco de Notas

Que democracia para a África?

Saiu o segundo número da revista “Géopolitique Africaine”/“African Geopolitics” (existe em francês e em inglês), que corresponde à Primavera 2001. Mais de 30 personalidades conhecidas – desde Kofi Annan (na foto) a Frederik De Klerk, passando por Joaquim Chissano, Boutros Boutros-Ghali ou Joseph Kabila – discutem, a partir de diferentes pontos de vista, o tema “Que democracia para a África?”. Se dentro da Europa o conceito de democracia é vivido e aplicado de formas diferentes em função das especificidades e tradições dos diversos países, “isso também vale para a África”, defende o director da revista, André Soussan, no editorial. “Alguns querem que a África avance mais depressa [para a democracia], que queime etapas para, de certa forma, adoptar o modelo ocidental”, critica Soussan. Que deixa também um recado à França: “A história da África está em marcha. É uma etapa crucial [...]. Paradoxalmente é este o momento que a França escolhe para se afastar lentamente do continente, para deixar a África em



pontas dos pés, como um ladrão na noite”. Nas páginas seguintes, três dezenas de líderes, estudiosos e especialistas explicam o que falhou até aqui, o que é diferente em África (analisando, por exemplo, o lugar que devem ocupar os chefes tradicionais), as diferentes Áfricas, o papel do Ocidente, e as razões para o optimismo. ■

É “errado” reduzir tropas na Bósnia

É ainda o International Crisis Group (ICG), desta vez no seu mais recente relatório sobre a Bósnia, que alerta para os riscos da redução do número de tropas americanas nesta região. Aquele organismo diz claramente que o secretário norte-americano da Defesa, Donald Rumsfeld (na foto), “está errado” quando afirma que a tarefa na Bósnia está concluída. Pelo contrário, defende o ICG, “a implementação do acordo de Dayton está longe de concluída” e a presença dos homens da SFOR é fundamental para garantir o seu sucesso. Os aliados da NATO devem, por isso, resistir à pressão americana para a redução de tropas numa região que está “num equilíbrio muito delicado”. A diminuição do número de soldados da SFOR neste momento “enviaria precisamente o sinal errado aos extremistas”, conclui o ICG. ■



Coordenação: Alexandra Prado Coelho

Os riscos da instabilidade na Indonésia

No seu relatório de Maio sobre a situação na Indonésia, o International Crisis Group (ICG) alerta para as consequências do impasse em torno das tentativas de destituição do Presidente Wahid (na foto), referindo nomeadamente a degradação da situação económica e os riscos de nova violência política nas ruas. Um aspecto referido pelo ICG é especialmente preocupante: “a crise política por resolver representa um perigo para o futuro da transição democrática”. Um estudo realizado recentemente em oito grandes cidades indonésias concluiu que a maioria dos inquiridos não acredita que o Governo seja capaz de restaurar a ordem e a segurança. A instabilidade generalizada está a alimentar a ideia de que “a democracia só trouxe desordem e caos”, e há cada vez mais pessoas a olhar com nostalgia para o período em que o ditador Suharto governava o país. Segundo o ICG, existe o medo de que “a nação esteja a caminho da desintegração – não apenas a eventual secessão de várias províncias, mas, o que é mais grave, a desintegração social generalizada marcada pelo colapso da lei e da ordem no meio de conflitos étnicos e religiosos”. ■



Os “novos pensadores religiosos” do Irão



O Presidente reformador Mohammad Khatami (na foto) venceu as eleições de 8 de Junho no Irão com uma margem esmagadora de 77% dos votos. Esta vitória, superior à obtida em 1997 (70%) dá-lhe uma legitimidade para avançar com as reformas por que muitos iranianos anseiam. Ao mesmo tempo, o resultado das eleições foi um duro golpe para a ala conservadora do regime, que agora parece preparar-se para entrar numa fase de auto análise. A chamada “direita moderna” no seio dos conservadores tem um discurso cada vez mais moderado, e aceita mesmo a necessidade de reformas. Um dos principais rostos desta “direita moderna” é Taha Hashemi, religioso e editor do jornal “Entekhab”, que se assume como um dos “novos pensadores religiosos” do Irão, que começam a distanciar-se dos “duros” (irão aproximar-se de Khatami?). No site da “Time Europe” (www.time.com/time/europe) pode ler-se uma entrevista realizada na altura das presidenciais com Taha Hashemi, na qual ele explica o que é o “novo pensamento religioso” – um elemento importante para quem quiser acompanhar a evolução do debate político iraniano agora que se inicia o segundo (e decisivo?) mandato de Khatami. ■